






Decolonizar a Documentação Museológica: indicadores de diversidade

Decolonizing Museum Documentation: Diversity Indicators

Renata Cardozo Padilha¹ 
Thainá Castro Costa² 
Beatriz Tarré Alonso³ 
Letícia Felix Voltolini⁴ 
Dalton Lopes Martins⁵ 

- ¹ Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil. E-mail: renata.padilha@ufsc.br. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6305102076032900>.
- ² Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil. E-mail: thaina.castro@ufsc.br. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9668887038730632>.
- ³ Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil. E-mail: bettytarrealonso@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6360734472833798>.
- ⁴ Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil. E-mail: leticiafelix.mus@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3472624287420319>.
- ⁵ Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil. E-mail: daltonmartins@unb.br. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3774617443225038>.

Como citar este artigo (ABNT): PADILHA, Renata Cardozo *et al.* Decolonizar a Documentação Museológica: indicadores de diversidade. *Museologia e Patrimônio*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, 2026, p. 202-224. DOI: <https://doi.org/10.52192/1984-3917.2026v19n1p202-224>.



Submetido em: 31 mar. 2026

Aprovado em: 15 jun. 2026

Edição: Charles Narloch, Ludmila Leite Madeira da Costa, Aline Rocha de Souza F. de Castro

Conflitos de interesse: Os autores declaram que não há conflito de interesses.

Disponibilidade dos dados: Os dados de pesquisa estão disponíveis no corpo do documento.

RESUMO

Este artigo aborda a necessidade de uma atualização crítica na documentação museológica, com foco em práticas, ferramentas vocabulários e padrões de metadados que buscam representar com mais justiça e pluralidade as diversas identidades sociais, culturais e políticas refletidas nos acervos. O objetivo da pesquisa é investigar como os metadados podem ser aprimorados para representar de forma mais fiel às diversas identidades presentes nas coleções. A metodologia adotada é qualiquantitativa, de natureza básica e descritiva. Ao longo da pesquisa, observou-se que a utilização de vocabulários e diretrizes linguísticas, como as propostas pelos projetos DE-BIAS, bem como glossários específicos sobre questões de gênero, raça, sexualidade e deficiência, é fundamental para corrigir as distorções históricas nas descrições de acervos. A análise de projetos internacionais, ferramentas e publicações evidenciam como a documentação crítica pode contribuir para a decolonização das práticas museológicas. Em síntese, a pesquisa destaca que, para que os museus cumpram seu papel como agentes de transformação social, é essencial revisar e atualizar constantemente os padrões de metadados, garantindo uma representação verdadeira e inclusiva das diversas identidades presentes na sociedade.

Palavras-chave: Documentação museológica. Representatividade. Decolonialidade.

ABSTRACT

This article addresses the need for a critical update in museological documentation, focusing on practices, tools, vocabularies, and metadata standards that seek to represent, with greater fairness and plurality, the diverse social, cultural, and political identities reflected in collections. The objective of the research is to investigate how metadata can be improved to more faithfully represent the diverse identities present in collections. The methodology adopted is qualitative and quantitative, of a basic and descriptive nature. Throughout the research, it was observed that the use of vocabularies and linguistic guidelines, such as those proposed by the DE-BIAS projects, as well as specific glossaries addressing issues of gender, race, sexuality, and disability, is fundamental to correcting historical distortions in collection descriptions. The analysis of international projects, tools, and publications demonstrates how critical documentation can contribute to the decolonization of museological practices. In summary, the research highlights that, for museums to fulfill their role as agents of social transformation, it is essential to continuously review and update metadata standards, ensuring a truthful and inclusive representation of the diverse identities present in society.

Keywords: Museological documentation. Representativeness. Decoloniality.

INTRODUÇÃO¹

Historicamente, a catalogação de acervos em museus, arquivos e instituições de patrimônio cultural, especialmente nas regiões da Europa e das Américas, tem sido conduzida sob perspectivas hegemônicas, que privilegiam visões eurocentradas e normativas. Essa abordagem resultou na exclusão de saberes e identidades, perpetuando registros desatualizados e excludentes (DE-BIAS, 2025).

Apesar do crescente reconhecimento da necessidade de revisar tais registros, os desafios permanecem consideráveis: grandes volumes de dados, escassez de recursos e a falta de representatividade nas equipes responsáveis pela documentação. Nesse contexto, a documentação museológica, que envolve a organização, registro e disseminação informacional dos acervos, precisa ir além de sua função descritiva tradicional, assumindo um papel ativo na promoção de práticas museológicas inclusivas.

Além disso, a padronização excessiva tem sido amplamente criticada por marginalizar saberes indígenas, identidades *queer* e epistemologias locais, ao reforçar categorias binárias e modelos eurocêntricos de classificação (Renshaw; Liew, 2021). Por isso, torna-se imprescindível adotar ferramentas que favoreçam descrições mais sensíveis e representativas, como a iniciativa GLAM-Wiki, que propõe metodologias participativas e decoloniais.

A literatura (Montenegro, 2019; LeFebvre *et al.*, 2019) reforça que as comunidades devem ter controle sobre as informações que as representam, promovendo práticas pautadas por princípios de conhecimento tradicional, ética e responsabilidade. Em meio ao fortalecimento dos movimentos sociais e à ampliação do campo museológico, é urgente uma revisão paradigmática nas práticas e ferramentas da museologia, especialmente no que diz respeito aos seus indicadores de gênero, raça e diversidade sexual (Castro; Padilha, 2022).

A documentação museológica, nesse cenário, constitui um eixo estratégico para o funcionamento das instituições, tanto do ponto de vista administrativo quanto museográfico (Loureiro, 2008). Contudo, a legislação brasileira, como as Leis 11.904/2009 e 11.906/2009, bem como o Decreto 11.236/2022, embora reforce a necessidade de padronização e tratamento técnico dos metadados, ainda carece de dispositivos que assegurem a representação da diversidade brasileira.

¹ Este artigo é um aprofundamento do trabalho submetido, avaliado, aprovado e apresentado no XXV Encontro Nacional de Ciência da Informação (ENANCIB), realizado em novembro de 2025, na cidade do Rio de Janeiro (RJ).

A única referência atualmente em vigor neste contexto, o Inventário Nacional de Bens Culturais Musealizados (Resolução Normativa nº 6, de 31 de agosto de 2021), coordenado pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), não foi concebida com esse propósito e demanda uma revisão urgente. A ausência de diretrizes que incorporem as múltiplas realidades sociais brasileiras revela a necessidade de uma atualização que contemple vozes plurais, memórias diversas e formas alternativas de saber.

Fundamentado em princípios éticos, legais e sociais, este trabalho propõe uma abordagem teórico-metodológica para os processos de documentação museológica, desafiando as estruturas coloniais que perpetuam desigualdades, exclusões e o racismo estrutural².

Diante desse contexto, a presente pesquisa tem como objetivo mapear o estado da arte da documentação museológica com foco na representação da diversidade nos acervos, por meio de três eixos principais: (1) revisão crítica da produção acadêmica e institucional sobre o tema; (2) mapeamento de projetos e vocabulários que abordem diversidade; e (3) análise comparativa de modelos de metadados utilizados internacionalmente e no Brasil, com ênfase no Inventário Nacional de Bens Culturais Musealizados (INBCM).

METODOLOGIA

Este estudo adota uma abordagem quali-quantitativa, proporcionando uma visão abrangente sobre as temáticas analisadas. No que se refere aos procedimentos metodológicos, classifica-se como uma pesquisa de natureza básica, com o objetivo de produzir novos conhecimentos que contribuam para o avanço científico. Em termos de objetivo, trata-se de uma pesquisa descritiva, pois busca caracterizar o fenômeno investigado, estabelecendo relações entre variáveis (Hernández; Fernández; Baptista, 2014; Rodrigues; Neubert, 2023). Para atender ao seu propósito, optou-se pela abordagem de estado da arte, uma técnica de pesquisa documental que possibilita o mapeamento, a sistematização e a análise do conhecimento acumulado sobre um tema específico (Romanowski; Ens, 2006).

² O conceito parte da ideia de que o racismo não é um desvio ou anomalia social, mas um componente constitutivo do funcionamento da sociedade. Ele está entranhado na organização econômica, política e cultural, orientando práticas, normas e instituições de forma a manter e reproduzir desigualdades raciais. Assim, o racismo atua como uma lógica e uma tecnologia social que dá sentido às relações de poder e sustenta formas históricas e contemporâneas de exclusão e violência (Almeida, 2019).

A metodologia adotada é composta por três etapas interligadas com as seções do estudo: (1) estado da arte sobre as questões de gênero, raça, diversidade sexual e cultural nos acervos museológicos, abordado na primeira seção; (2) identificação de projetos, publicações, vocabulários e ferramentas relacionadas a essas questões nos acervos museológicos, conforme detalhado na segunda seção; e (3) levantamento dos padrões de metadados internacionais para acervos culturais, com foco nas estruturas, aplicações e uma análise comparativa, incluindo o Inventário Nacional de Bens Culturais Musealizados (INCM) do contexto brasileiro, conforme discutido na última seção. Finalmente, foram formuladas recomendações futuras voltadas à promoção da diversidade no contexto museológico. A base teórica do estudo dialoga com reflexões sobre a função social, cultural e educativa da museologia (Camargo-Moro, 1986; Ferrez, 1994) e destaca a importância da catalogação e da representação informacional na organização dos acervos (Bottallo, 2010; Padilha, 2014).

GÊNERO, RAÇA, DIVERSIDADE SEXUAL E CULTURAL NOS ACERVOS MUSEOLÓGICOS: PERSPECTIVAS CRÍTICAS E TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS

A abordagem contemporânea da diversidade nos museus exige a consideração de múltiplas dimensões estruturais de subordinação, conforme propõe Crenshaw (2002 *apud* Sifuentes, 2022) ao conceituar a interseccionalidade como uma forma de captar as consequências dinâmicas e estruturais da interação entre eixos de opressão como o racismo, o patriarcalismo e a opressão de classe. Essa perspectiva é fundamental para compreender como desigualdades básicas moldam as posições relativas de mulheres, pessoas racializadas, etnias, classes e grupos historicamente marginalizados nos espaços museológicos.

Nesse sentido, as discussões decoloniais desempenham um papel central ao explicitar as formas como museus e outras instituições culturais perpetuaram epistemologias coloniais e sistemas de poder excludentes (Barriandos, 2019). A literatura sobre decolonização analisa criticamente as estruturas de conhecimento herdadas do colonialismo, reconhecendo os povos indígenas como sujeitos históricos com sistemas culturais, sociais e políticos autônomos, frequentemente desconsiderados pelas práticas museológicas tradicionais (Anderson, 2022; Moses, 2024). A esse respeito, Walter e Prehn (2023 *apud* Jones; Taylor, 2024) reforçam o direito dos povos originários de governar a coleta, posse e aplicação dos dados que

lhes dizem respeito, enfatizando o reconhecimento dos dados como ativos culturais e econômicos.

Em consonância com essas abordagens, museus vêm sendo convocados a revisar seus discursos e práticas de representação. Prado (2023) e Silva, Macena e Jorente (2025) também evidenciam como a desigualdade de gênero se manifesta na configuração dos acervos museológicos, ao mesmo tempo em que ressalta as lutas históricas do movimento feminista por visibilidade e legitimação no campo artístico. A autora propõe uma leitura gramsciana da museologia crítica, que parte de fora das estruturas institucionais para propor estratégias experimentais voltadas à transformação das relações de poder nos museus. Essa abordagem valoriza a análise crítica de exposições e a experimentação museológica como meios de inovação social (Prado, 2023).

A crítica ao cânone artístico ocidental, sustentado por lógicas androcêntricas e patriarcais, é também destacada por Alario (2010), Pereira (2017) e Versiani (2023), que denunciam como os museus continuam sendo pilares das narrativas dominantes. Embora a pós-modernidade tenha contribuído para a desconstrução de categorias como "gênio", "expressão individual" e "obra original", as práticas museológicas ainda tendem a manter estruturas simbólicas excludentes. Para responder a esse desafio, torna-se necessário repensar os discursos museais a partir do respeito à pluralidade e às identidades diversas (González-Sanz; Feliu, 2015).

Essa exigência de transformação discursiva se alinha ao que defendem Adelman e Ruggi (2008), ao abordarem a construção social do corpo em articulação com as relações de poder de classe, raça, gênero e orientação sexual. As autoras analisam como práticas corporais e representações simbólicas estão no centro de disputas identitárias que, em muitos casos, desafiam os padrões hegemônicos de beleza e normalidade, apontando, por exemplo, para experiências de mulheres no esporte ou de pessoas trans no Brasil.

A análise de Prado (2023) sobre a incorporação de artistas mulheres no acervo do MASP ilustra como essas estratégias de mudança se materializam na prática institucional. A autora destaca que as conquistas feministas no campo museal não são meramente reativas, mas constituem proposições orgânicas, experimentais e colaborativas com a sociedade, voltadas à reconfiguração dos cânones da arte e à democratização das estruturas culturais.

Para que os museus se tornem verdadeiramente inclusivos, é necessário que desenvolvam uma sensibilidade proativa à diversidade em todas as suas dimensões: nos acervos, nas narrativas, nas funções sociais, nos públicos, nos programas educativos e nas

políticas institucionais (Brouard; Santacana; Fontal, 2016; Marras; Messina; Mureddu; Romoli, 2016; Thomson; Elsdén; Chatterjee, 2023; Okawati; Karpinski, 2024).

Isso implica, como apontam Lago e Sánchez (2015), assumir uma responsabilidade coletiva com todas e todos, em sua diversidade sexual, cultural, social, geográfica, geracional e educacional, desenvolvendo ações em chave de cooperação e diálogo com as comunidades.

Real López (2022) e Cuesta Sánchez; Pazos-López (2024) apontam que o museu, como espaço social, precisa assumir sua função democrática com duplo enfoque: ao mesmo tempo em que deve incluir as populações vulneráveis nos processos de formação patrimonial, deve também resgatar criadores excluídos dos discursos hegemônicos (Real López, 2022; Cuesta Sánchez; Pazos-López, 2024). Ao fazer isso, combate os silêncios institucionais e reconfigura os vínculos de pertencimento e identificação entre museu e sociedade.

Nesse processo, é essencial que os museus sejam autocríticos quanto às narrativas que constroem e às palavras que utilizam, buscando incluir vozes diversas e evitando termos que reproduzam estigmas ou invisibilizem contextos culturais específicos (Schoonderwoerd, 2022; Modest; Lelijveld, 2018; Medda, 2024; Oldenziel, 2024). A transformação institucional, portanto, passa por revisar profundamente os discursos museológicos tradicionais, questionando seus fundamentos e abrindo-se a outras formas de conhecimento, representação e participação.

Como ressalta Nascimento (2021), mesmo não sendo um espaço formal de educação, o museu pode ser um aliado essencial na construção de uma sociedade mais igualitária, racial, social e culturalmente. Essa função educativa e multidisciplinar só se concretiza com o compromisso constante com as mudanças legislativas, epistemológicas e sociais que interpelam os museus como instituições públicas e agentes de transformação.

PROJETOS, PUBLICAÇÕES, VOCABULÁRIOS E FERRAMENTAS RELACIONADAS COM AS QUESTÕES DE GÊNERO, RAÇA E DIVERSIDADE SEXUAL E CULTURAL NOS ACERVOS MUSEOLÓGICOS

A documentação museológica tem sido progressivamente chamada a refletir uma maior pluralidade de experiências sociais, culturais e identitárias, especialmente no que diz respeito a questões de gênero, raça e diversidade sexual. Diversos projetos e vocabulários têm sido desenvolvidos com o intuito de aprimorar a descrição de acervos museológicos,

considerando as problemáticas e especificidades desses grupos historicamente marginalizados. Essa seção abordará alguns desses esforços, discutindo como eles contribuem para uma visão mais inclusiva e crítica dos metadados descritivos, além de destacar ferramentas que visam reduzir preconceitos, estereótipos e invisibilidades nos dados sobre objetos culturais.

PROJETOS DE RELEVÂNCIA INTERNACIONAL

No cenário internacional, diversos projetos têm se destacado por propor abordagens críticas e inovadoras para a documentação, a catalogação e a curadoria de acervos museológicos, especialmente no que se refere à representação de identidades historicamente sub-representadas ou invisibilizadas. Essas iniciativas evidenciam como práticas documentais sensíveis ao contexto social, político e cultural dos objetos podem contribuir para a revisão de narrativas hegemônicas, para a valorização de saberes historicamente negligenciados e para os processos de descolonização das instituições museológicas.

Os projetos analisados nesta seção exemplificam estratégias que articulam documentação crítica, uso de tecnologias digitais, participação comunitária e revisão de vocabulários descritivos, demonstrando o potencial transformador dos metadados quando orientados por princípios de justiça social, diversidade e inclusão. Ao abordar experiências desenvolvidas em diferentes contextos geográficos e culturais.

1. *Invisible Inventories: Questioning Kenyan Collections in Western Museums*: destaca a necessidade de repensar as coleções de artefatos de contextos coloniais, e exibido no *Weltkulturen Museum* em Frankfurt, Alemanha. Este projeto se foca na documentação de mais de 32.000 objetos de coleções de museus ocidentais que pertencem à cultura e história do Quênia, muitas vezes desconsiderados ou descritos de forma inadequada. Utilizando a plataforma *Airtable*, foi criado um banco de dados que não apenas preserva a descrição dessas coleções, mas também reflete sobre as injustiças históricas, como o colonialismo e a apropriação de artefatos culturais. A partir de uma base de dados colaborativa, o projeto promove uma abordagem crítica e inclusiva da documentação museológica, com foco na restituição cultural e no reconhecimento de vozes silenciadas (ART AFRICA Magazine, 2021).

2. *The Women Writers Project (WWP)*: se dedica a estudar a recepção transatlântica e a leitura de textos de escritoras mulheres entre 1770 e 1830. Esse projeto realiza a transcrição de

documentos históricos que são essenciais para a compreensão da produção literária feminina nas tradições ocidentais. Além de sua contribuição para os estudos de gênero, o WWP também reflete sobre as lacunas nos metadados históricos, considerando a falta de reconhecimento das mulheres como escritoras e intelectuais nas coleções e arquivos históricos. A documentação e catalogação crítica desses textos ajudaram a desafiar as narrativas dominantes e a promover uma nova leitura do patrimônio literário feminino (WWP, 2010).

3. O Projeto Tuktuk e Nogak: tem foco na documentação do conhecimento tradicional dos povos Inuit, principalmente nas regiões do Canadá, Groenlândia e Alasca. O projeto buscou estruturar o conhecimento ecológico e cultural dos Inuit, criando uma metodologia de preservação que pode ser aplicada para manter o conhecimento indígena e as práticas culturais vivas, mesmo em contextos de diáspora e globalização. A documentação das práticas culturais em *Inuktitut* também abre espaço para a reflexão sobre como o conhecimento indígena tem sido historicamente invisibilizado e sub-representado nas coleções museológicas (Thorpe, 2001).

4. *Canadian Museum for Human Rights (CMHR)*: desenvolve exposições que questionam as narrativas dominantes de identidade nacional e, ao mesmo tempo, exploram como os museus podem atuar como espaços de descolonização. Em particular, a exposição *Aboriginal Women and the Right to Safety and Justice* exemplifica como a curadoria pode ser feita a partir de uma abordagem de autoridade compartilhada e por meio da arte indígena, desafiando as formas convencionais de representação e abrindo espaço para vozes historicamente marginalizadas (Anderson, 2019).

No contexto de uma museologia crítica e inclusiva, o desenvolvimento de vocabulários e diretrizes editoriais tem sido central para a reestruturação dos metadados descritivos em instituições culturais. Diversas publicações especializadas têm contribuído para o questionamento das estruturas hegemônicas de descrição e catalogação em museus. A seguir, destacam-se as principais iniciativas, ferramentas e reflexões teóricas que vêm pautando esse campo, com foco nas interseções entre gênero, raça, sexualidade, colonialidade e linguagens sensíveis.

PUBLICAÇÕES, FERRAMENTAS E VOCABULÁRIOS

As publicações e os marcos teóricos que fundamentam a discussão sobre documentação crítica e inclusiva em museus abrangem desde reflexões sobre os discursos linguísticos até metodologias práticas aplicadas aos processos de catalogação e descrição de acervos. Esses estudos evidenciam o papel central da linguagem na construção de narrativas institucionais e na representação, ou silenciamento, de diferentes grupos sociais nos registros museológicos.

1. Raymond Williams (1985), em *Keywords: A Vocabulary of Culture and Society*, propõe uma análise crítica dos termos que moldam os discursos culturais e sociais, uma base fundamental para pensar a linguagem nos acervos museológicos.
2. Gallois (2006), através do Instituto de Pesquisa e Formação em Educação Indígena (Iepé), desenvolve um modelo de valorização e gestão de patrimônios culturais indígenas, enfatizando a importância da linguagem e da salvaguarda dos saberes tradicionais dos povos Tiryó, Katxuyana, Aparai, Wayana, Wajãpi, Galibi, Karipuna, Palikur, entre outros, nos estados do Amapá e norte do Pará.
3. Kaiser e Madruga (2024) propõem uma metodologia de identificação de objetos de contexto colonial por meio da análise combinada de localidade, data e fornecedor, como estratégia de catalogação crítica baseada em pesquisas de proveniência.
4. *Archives for Black Lives in Philadelphia: Anti-Racist Description Resources* (Antracoli et al., 2020) e o *Report to the Archivist - The Archivist's Task Force on Racism* (2021) evidenciam como a linguagem arquivística pode perpetuar ou combater estruturas de racismo institucional.

Esses glossários e diretrizes são ferramentas essenciais para promover uma linguagem que valorize a diversidade e contribua para a construção de ambientes mais inclusivos, tanto na academia quanto em outros setores da sociedade. Eles ajudam a corrigir e adaptar terminologias que, historicamente, puderam ter sido prejudiciais, estigmatizantes ou excluídas de um discurso mais justo e respeitoso.

Diversas iniciativas internacionais têm se dedicado à promoção de linguagens mais inclusivas, justas e representativas nos campos da cultura, arquivos e museus:

1. *DE-BIAS Tool & Vocabulary*: desenvolvido por instituições como a KU Leuven, ECCOM e colaboradores europeus, o projeto DE-BIAS propõe uma metodologia participativa para identificar, corrigir e prevenir linguagem prejudicial em coleções digitais. Inclui

- materiais como: *DE-BIAS Vocabulary and Knowledge Graph; Bias types and patterns: a typology applied to Europeana use cases* (Masschelein et al., 2024); *Top 5 tips for using the DE-BIAS vocabulary; Detecting and Cur(at)ing Harmful Language in Cultural Heritage Collections; How to use the DE-BIAS Tool Guidelines; Representing diversity in metadata; A community engagement methodology: resources, reflections, recommendations* (Milano et al., 2024).
2. *Words Matter: An Unfinished Guide to Word Choices in the Cultural Sector*: guia que problematiza terminologias eurocêntricas, racistas, capacitistas e heteronormativas, propondo alternativas mais inclusivas para uso em museus e arquivos (Modest; Lelijveld, 2018).
 3. *Homosaurus*: vocabulário internacional em dados vinculados, voltado especificamente para termos LGBTQIA+, promovendo representação e visibilidade adequadas no processo de descrição de acervos.
 4. *Cultural Heritage Network Terminology* (CHNTUK): plataforma com fontes amplas sobre EDI (*Equity, Diversity and Inclusion*), com listas de terminologias inclusivas, práticas de catalogação crítica e diretrizes linguísticas atualizadas.
 5. *The Decolonial Dictionary*: visa revisar e propor uma nova terminologia colaborativa para refletir abordagens decoloniais nas ciências sociais e culturais. O vocabulário é uma tentativa de romper com os discursos e as categorias intelectuais coloniais, oferecendo uma linguagem mais justa e representativa para as discussões sobre colonialidade, poder, identidade e resistência.
 6. *Holocaust Lexicon - Yad Vashem*: ferramenta de referência criada pelo Museu do Holocausto em Israel. Este glossário oferece definições detalhadas de termos e conceitos relacionados ao Holocausto e à Shoá, servindo como um recurso educacional e memorial para garantir uma compreensão precisa dos eventos, vítimas e políticas associadas a esse período histórico.
 7. *The Translate Hate Glossary - American Jewish Committee*: criado pelo *American Jewish Committee* (AJC), visa combater o discurso de ódio e a intolerância, oferecendo definições e explicações sobre os termos frequentemente usados em contextos antissemitas, xenofóbicos, racistas e discriminatórios.
 8. *Queer Glossary - Bowling Green State University*: disponibilizado pela *Bowling Green State University*, oferece uma lista de termos e conceitos-chave usados dentro da comunidade LGBTQIA+ e no discurso acadêmico sobre gênero e sexualidade.

9. *Disability Language Style Guide - National Center on Disability and Journalism*: desenvolvido pelo *National Center on Disability and Journalism* (NCDJ), oferece orientações sobre como utilizar uma linguagem precisa e respeitosa ao falar sobre deficiência, promovendo uma descrição que respeite a dignidade e a agência das pessoas com deficiência.
10. *Stanford University Inclusive Language Guidelines*: conjunto de recomendações, atualizadas em 2024, para promover o uso de linguagem inclusiva e respeitosa em contextos acadêmicos e profissionais, visando evitar o uso de termos ou frases que possam perpetuar discriminação, estigmatização ou exclusão.

Estas ferramentas e vocabulários reforçam o papel crítico dos metadados como instrumentos de mediação cultural. A linguagem usada na descrição de acervos não apenas informa, mas constrói sentidos, relações de poder e identidades. Ao incorporar diretrizes inclusivas, museus e instituições culturais podem fortalecer o compromisso ético com a justiça social, a representatividade e a memória coletiva de grupos historicamente marginalizados.

PADRÕES DE METADADOS PARA ACERVOS CULTURAIS: ESTRUTURAS, APLICAÇÕES E ANÁLISE COMPARATIVA

Diversos padrões internacionais de metadados têm sido desenvolvidos com o objetivo de descrever, organizar e promover a interoperabilidade de acervos culturais em contextos digitais. Entre os mais relevantes estão o *Spectrum*, *Lightweight Information Describing Objects* (LIDO), *Categories for the Description of Works of Art* (CDWA), *Visual Resources Association Core Categories* (VRA Core), *CARARE* (*Cultural, Artistic and Archaeological Resources in Europe*) e *Mukurtu*, cada um com enfoques e estruturas próprios voltados à documentação de bens culturais em diferentes contextos institucionais e comunitários.

O *Spectrum*, do Reino Unido, classificado como *data content standard*, oferece diretrizes para a catalogação de objetos, abrangendo procedimentos específicos, como a entrada de objetos e regras de catalogação, enquanto o LIDO, da Alemanha, estabelece regras de catalogação e códigos para descrever objetos culturais. De maneira complementar, o CARARE, desenvolvido na Irlanda, estabelece um esquema de coleta destinado a fornecer metadados sobre coleções online e recursos digitais relacionados a ativos patrimoniais. Os Estados Unidos desenvolveram CDWA e VRA, da tipologia *data structure standard*. O CDWA é um conjunto de

diretrizes para descrever arte, arquitetura e outras obras culturais, permitindo o mapeamento de estruturas de dados existentes e a referência a novas modelagens. O VRA Core, por sua vez, é utilizado para descrever obras da cultura visual e as imagens que as documentam. Além disso, o *Mukurtu Core* oferece uma alternativa aos esquemas de metadados tradicionais, incluindo campos adicionais, como a narrativa cultural, que enriquecem a descrição dos objetos.

Como parte deste estudo, elaborou-se um levantamento dos principais padrões de metadados aplicados à documentação museológica, conforme apresentado no Quadro 1.

Quadro 1 - Levantamento de padrões de metadados museológicos.

Padrão de metadados	Logo	Instituição	Categoria	País
CDWA		Getty Research Institute	Padrões de estrutura de dados (esquemas)	
VRA Core		Library of Congress	Padrões de conteúdo de dados (regras de catalogação e códigos)	
Spectrum		Collections Trust	Padrões de conteúdo de dados (regras de catalogação e códigos)	
Carare		Europeana Foundation	Padrões de conteúdo de dados (regras de catalogação e códigos)	
Mukurtu		Washington State University e comunidades indígenas	Padrões de conteúdo de dados (regras de catalogação e códigos)	
LIDO		International Council of Museums (ICOM DOcumentation)	Padrões de conteúdo de dados (regras de catalogação e códigos)	

Fonte: Elaboração pelos autores (2025).

No contexto brasileiro destaca-se o Inventário Nacional dos Bens Culturais Musealizados (INBCM), instrumento oficial de inserção periódica de dados sobre os bens culturais musealizados que integram os acervos museológico, bibliográfico e arquivístico dos museus brasileiros, coordenado pelo IBRAM, para fins de identificação, acatamento e preservação, previstos na Política Nacional de Museus, instituído pela Lei no 11.904/2009 e regulamentado pelo Decreto no 8.124 de 2013.

Tendo em vista a diversidade de padrões e as particularidades de cada contexto, a análise de correspondências (*crosswalk*) constitui uma ferramenta útil para integrar e comparar esses esquemas de metadados. O *crosswalk* permite estabelecer relações entre elementos de dados de diferentes esquemas, facilitando a interoperabilidade entre eles (Gogina, 2016). Enquanto o mapping engloba uma abordagem mais ampla, que inclui a definição de políticas de transformação e a execução das mesmas para garantir a compatibilidade dos dados, o *crosswalk* é caracterizado pela sua representação visual ou tabular, alinhando elementos com funções ou significados semelhantes (Baca, 2016). Chan e Zeng (2006) identificam dois métodos principais: o absoluto, que requer correspondência exata entre os elementos, e o relativo, que permite a associação mesmo sem equivalência semântica plena. Para atender à necessidade de interoperabilidade entre os diferentes padrões, diversos *crosswalks* têm sido desenvolvidos, como o *Spectrum 5.0 to LIDO 1.0 mapping* (McKenna, 2018), o *Metadata Standards Crosswalk do Getty Research Institute* (2024) e a proposta de Mapas de metadatos entre CIDOC CRM, VRA Core e CDWA, elaborada por González (2024).

Considerando a diversidade de estruturas, terminologias e propósitos desses padrões e instrumentos de catalogação (*Spectrum*, *LIDO*, *CDWA*, *VRA Core*, *CARARE*, *Mukurtu* e *INBCM*), bem como a relevância de uma abordagem crítica sobre as questões de gênero, raça e diversidade, este estudo propõe uma análise comparativa por meio de *crosswalking*. A análise buscou identificar como esses temas estão sendo representados ou encontram-se ausentes, conforme demonstrado no Quadro 2, na próxima página.

A análise realizada demonstra como diferentes padrões de metadados museológicos abordam, de maneira variada e por vezes insuficiente, a categoria gênero. Os padrões *Spectrum*, *LIDO* e *CDWA* apresentam campos específicos relacionados ao tema, como *Sex*, *Gender Actor* e *Gender*, respectivamente. No entanto, observa-se uma falta de uniformidade na terminologia empregada e na profundidade da abordagem. O uso do termo *Sex* em *Spectrum*, por exemplo, pode remeter a uma perspectiva mais biológica e menos inclusiva em relação às expressões de gênero contemporâneas, enquanto o *LIDO*, ao utilizar *Gender Actor*, demonstra uma tentativa de ampliar esse entendimento, embora ainda de forma limitada. Já o padrão *CDWA* inclui o metadado *Gender*, mas sem detalhamento adicional sobre seu uso ou contexto. Por outro lado, padrões como *VRA Core* e *CARARE* não apresentam metadados dedicados à questão de gênero, o que pode indicar uma lacuna significativa na representação dessas informações.

Quadro 2 - Análise das questões de gênero, raça e diversidade.

	Gênero	Observações
SPECTRUM	X	Sex
LIDO	X	Inclui o metadado Gender Actor .
CDWA	X	Inclui o metadado Gender .
VRA Core		
CARARE		Embora inclua o metadado Actors (proveniente do LIDO) não contém o elemento Gender .
MUKURTU		
INBCM		
	Raça	Observações
SPECTRUM		
LIDO		
CDWA	X	Person Nationality/Culture/Race , refere-se às origens ou afiliações nacionais, geopolíticas, culturais ou étnicas da pessoa ou entidade corporativa responsável pela criação da obra. Esse metadado ajuda a contextualizar a identidade do criador em termos de sua origem ou afiliação cultural e geográfica.
VRA Core		
CARARE		
MUKURTU		
INBCM		
	Diversidade cultural	Observações
SPECTRUM		
LIDO		
CDWA	X	No metadado Creator Identity , somente no caso de criadores desconhecidos é que se atribui a cultura, nacionalidade ou associação estilística do criador. Para obras de autoria identificada, o campo deve registrar o nome do indivíduo ou entidade responsável pela criação, de preferência vinculado a uma autoridade de Person/Corporate Body Authority . Em Object/Work Culture , deve ser registrada a cultura, povo ou nacionalidade de origem da obra. Person Nationality/Culture/Race , refere-se às origens ou afiliações nacionais, geopolíticas, culturais ou étnicas da pessoa ou entidade corporativa responsável pela criação da obra. Esse metadado ajuda a contextualizar a identidade do criador em termos de sua origem ou afiliação cultural e geográfica.
VRA Core	X	Culture é utilizado para incluir o nome da cultura, do povo (etnia) ou a forma adjetival do nome de um país de onde provém uma obra, coleção ou imagem. O metadado Cultural Context , permite descrever o contexto cultural ao qual a obra, coleção ou imagem tenha sido associada.
CARARE		
MUKURTU	X	Inclui o metadado Communities and Protocols , que permite definir como as comunidades concedem aos usuários tipos específicos de acesso a itens de patrimônio. Cultural Narrative é utilizado para adição de contexto histórico ou social, conhecimento especializado da comunidade, histórias comunitárias e outros contextos relevantes ao objeto. Inclui Traditional Knowledge , para adicionar conhecimentos específicos aprofundados da comunidade sobre o item de patrimônio, frequentemente para fornecer informações de significado social, espiritual ou esotérico.
INBCM		

Fonte: Elaboração pelos autores (2025).

Além das questões sobre gênero, a análise também incluiu categorias dedicadas à raça, à diversidade cultural e à diversidade sexual, o que evidencia uma preocupação mais ampla com a inclusão e a representatividade nos padrões de metadados museológicos. No entanto, a forma como essas categorias estão representadas sugere que ainda são tratadas de maneira bastante superficial. A presença de linhas dedicadas a esses temas, mas sem informações

detalhadas, aponta para a inexistência ou a fragilidade da abordagem dessas questões nos padrões analisados.

A falta de metadados específicos para abordar as questões de raça ou de formas de identificação cultural e étnica, por exemplo, pode contribuir para a invisibilização de grupos historicamente marginalizados nos acervos e plataformas de dados museológicos. Da mesma forma, a ausência de abordagens consistentes sobre diversidade sexual reforça a ideia de que os padrões ainda operam, em muitos casos, a partir de uma lógica normativa que não contempla as múltiplas formas de existência e expressão dos sujeitos representados. Assim, a análise realizada não apenas diagnostica a limitação dos padrões existentes, mas também levanta uma demanda urgente por revisões críticas e inclusivas na estrutura dos metadados, com vistas a promover uma documentação museológica mais sensível, plural e representativa das diversidades sociais e culturais.

Além das limitações observadas nos padrões internacionais de metadados museológicos quanto às questões de gênero, raça e diversidade, é importante destacar também a ausência dessas categorias no INBCM. Embora ele não seja, propriamente, um padrão de metadados formalizado nos moldes internacionais, ele tem sido empregado como referência para a catalogação de acervos no contexto brasileiro. A estrutura do INBCM prioriza dados técnicos, descritivos e administrativos das peças museológicas, mas não contempla campos específicos para registrar aspectos identitários relacionados às pessoas envolvidas nas narrativas museológicas, como gênero, raça, orientação sexual ou pertencimentos culturais diversos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos padrões de metadados utilizados na documentação museológica e sua capacidade de refletir as complexas realidades sociais, culturais e identitárias dos museus é um passo fundamental para a construção de um campo mais inclusivo e crítico dentro das instituições culturais. Ao longo desta pesquisa, foi observado que a utilização de vocabulários e diretrizes linguísticas, como as propostas pelos projetos DE-BIAS e os glossários específicos para questões de gênero, raça, sexualidade e diversidade, é fundamental para corrigir as distorções históricas presentes nas descrições de acervos. Essas ferramentas não apenas

questionam os pressupostos coloniais e hegemônicos que moldam a representação cultural, mas também oferecem alternativas que buscam promover uma linguagem mais justa e plural.

Além disso, os exemplos de projetos internacionais e publicações sobre a valorização do patrimônio cultural e a preservação do conhecimento ancestral evidenciam como a documentação crítica e a reinterpretação de coleções podem contribuir para a decolonização das práticas museológicas. A adoção de glossários e guias, como o *Words Matter*, o *Homosaurus*, o *The Decolonial Dictionary*, o *Translate Hate Glossary*, e o *Disability Language Style Guide*, oferecem subsídios teóricos e práticos, orientando a criação de descrições que respeitem as diferentes formas de existência e expressão dos sujeitos representados. Além disso, iniciativas como o *Cultural Heritage Network Terminology* e as *Inclusive Language Guidelines* da *Stanford University* atualizam o campo com parâmetros que promovem a justiça social e a representatividade nas práticas de catalogação.

A implementação dessas práticas no Brasil, especialmente considerando as realidades locais e a diversidade das populações indígenas, negras, LGBTQIA+ e outras comunidades marginalizadas, é essencial para que os museus cumpram seu papel de agentes de transformação social. Portanto, é imprescindível que a documentação museológica continue a ser revista e atualizada, com um compromisso explícito em refletir as múltiplas identidades e vivências, não apenas em suas coleções, mas também em seus metadados, garantindo que a história contada seja realmente representativa e inclusiva de todos os segmentos da sociedade.

De modo geral, a análise evidencia a necessidade de uma maior atenção e aprofundamento nas questões de gênero, raça e diversidade nos padrões de metadados museológicos, tanto na inclusão de campos específicos quanto na adoção de terminologias mais sensíveis à pluralidade de identidades sociais e culturais. A ausência de sugestões de melhorias nos próprios campos de análise reforça a importância de um olhar crítico e propositivo sobre a inclusão dessas temáticas nos sistemas de documentação cultural. A falta de metadados específicos para abordar as questões de raça ou de formas de identificação cultural e étnica, por exemplo, pode contribuir para a invisibilização de grupos historicamente marginalizados nos acervos e plataformas de dados museológicos.

Além das limitações observadas nos padrões internacionais, é importante destacar também a ausência dessas categorias no INBCM. Essa omissão contribui para a reprodução de apagamentos históricos e sociais, dificultando o reconhecimento da pluralidade de sujeitos, saberes e experiências representados nas coleções. Diante desse cenário, torna-se urgente

propor revisões críticas neste instrumento, alinhando-o às demandas contemporâneas de inclusão, representatividade e justiça social.

A ausência de campos específicos para categorias como raça, etnia, identidade de gênero ou orientação sexual nos principais padrões internacionais bem como a normativa do INBCM, reforça a necessidade de revisões aprofundadas. A exclusão dessas categorias perpetua silenciamentos e dificulta o reconhecimento da pluralidade de experiências, saberes e memórias coletivas nos acervos museológicos. Assim, torna-se necessário propor a incorporação de novos campos e orientações nos sistemas de documentação, que estejam alinhados às demandas contemporâneas de inclusão e à realidade sociocultural brasileira.

Por fim, é importante reconhecer que a linguagem utilizada na documentação museológica não apenas informa, mas constrói sentidos, narrativas e relações de poder. Por isso, o compromisso com uma linguagem inclusiva é também um compromisso com a transformação social, com a reparação simbólica e com o fortalecimento de uma memória coletiva mais justa e plural.

AGRADECIMENTOS

Este estudo integrou o projeto de pesquisa intitulado "Documentação Museológica e os Desafios Contemporâneos" (2021-2025), desenvolvido pela Coordenadoria Especial de Museologia e o Laboratório de Pesquisa em Informação Museológica da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em parceria com o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) e com o apoio da Fundação de Estudos e Pesquisas Socioeconômicas (FEPESE).

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, S. B. Museums, decolonization and Indigenous artists as first cultural responders at the new Canadian Museum for Human Rights. *Museum & Society*, Leicester, v. 17, n. 2, p. 173-192, jul. 2019. DOI: <https://doi.org/10.29311/mas.v17i2.2806>. Acesso em: 15 abr. 2025.
- ALARIO TRIGUEROS, M. T. Sobre museos y mujeres: un nuevo diálogo. *Her&Mus: Heritage & Museography*, Lleida, v. 3, p. 19-24, 2010. Disponível em: <https://raco.cat/index.php/Hermus/article/view/313724>. Acesso em: 15 abr. 2025.

ALMEIDA, S. L. de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 264 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro).

ANTRACOLI, A. A.; BERDINI, A.; BOLDING, K.; CHARLTON, F. C.; FERRARA, A. *Archives for Black lives in Philadelphia: anti-racist description resources*, 2020. Disponível em: <https://oar.princeton.edu/handle/88435/pr1qf8jj66>. Acesso em: 16 abr. 2025.

ART AFRICA Magazine. 'Invisible inventories: questioning Kenyan collections in Western museums' at Weltkulturen Museum, Frankfurt, Germany. ART AFRICA Magazine, Cape Town; Johannesburg, out. 2021. Disponível em: <https://artafricamagazine.org/invisible-inventories-questioning-kenyan-collections-in-western-museums-at-weltkulturen-museum-frankfurt-germany/>. Acesso em: 15 abr. 2025.

ASENSO, M. B.; SANTACANA MESTRE, J.; FONTAL MERILLAS, O. Inclusión en patrimonio y museos: más allá de la dignidad y la accesibilidad. *Her&Mus: Heritage & Museography*, Lleida, n. 17, p. 39-56, out./nov. 2016. Disponível em: <https://uvadoc.uva.es/handle/10324/54304>. Acesso em: 15 abr. 2025.

BARRIENDOS, J. A colonialidade do ver: rumo a um novo diálogo visual interepistêmico. *Epistemologias do Sul*, Foz do Iguaçu, v. 3, n. 1, p. 38-56, 2019. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/2434/2103>. Acesso em: 15 abr. 2025.

BACA, M. (ed.). Intro to Metadata. In: *Introduction to Metadata*. 3. ed. Los Angeles: Getty Publications, 2016. Disponível em: http://www.getty.edu/research/publications/electronic_publications/intrometadata3. Acesso em: 16 abr. 2025.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). *Resolução Normativa nº 6, de 31 de agosto de 2021. Estabelece diretrizes para a elaboração de planos museológicos*. Brasília: IBRAM, 2021.
BRASIL. Congresso Nacional. *Lei nº 11.904, de 14 de jan. de 2009*. Brasília: Diário Oficial da União, 15 jan. 2009.

BOTTALLO, M. Diretrizes em documentação museológica. In: ASSOCIAÇÃO CULTURAL DE AMIGOS DO MUSEU CASA DE PORTINARI. *Documentação e conservação de acervos museológicos: diretrizes*. Brodowski: Associação Cultural de Amigos do Museu Casa De Portinari; São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 2010, p. 48-79.

BROUARD, M. A.; SANTACANA MESTRE, J.; FONTAL MERILLAS, O. Inclusión en Patrimonio y Museos: más allá de la dignidad y la accesibilidad. *Her&Mus: Heritage & Museography*, Lleida, n. 17, p. 39-56, out./nov. 2016. Disponível em: <https://uvadoc.uva.es/handle/10324/54304>. Acesso em: 15 abr. 2025.

CAMARGO-MORO, F. Da Documentação: Elementos Auxiliares para a Decodificação e seus Instrumentos. In: *Museu: aquisição-documentação*. Rio de Janeiro, Livraria Eça, 1986, p. 185-217.

CASTRO, T.; PADILHA, R. C. Documentação museológica e identidade negra: antirracismo e supremacia nas práticas museológicas. In: *Anais do XXII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXII ENANCIB*, Porto Alegre, 2022.

CHAN, L. M.; ZENG, M. *Metadata interoperability and standardization: study of methodology*, Part I. *D-Lib Magazine*, [Virgínia], v. 12, n. 6, jun. 2006. ISSN 1082-9873. Disponível em: <http://www.dlib.org/dlib/june06/chan/o6chan.html>. Acesso em: 16 abr. 2025.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 2002, v. 10, n. 1, p. 171-188. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 abr. 2025.

CUESTA SÁNCHEZ, A. M.; PAZOS-LÓPEZ, Á. (orgs.). *Digital humanities for the XXI century museum: best practices, networks, and accessibility*. Paris: Éditions Boleine, 2024. p. 11-21.

DE-BIAS. DE-BIAS: Decolonizing Digital Collections to Eliminate Biases. 2025. Disponível em: <https://pro.europeana.eu/project/de-bias>. Acesso em: 14 abr. 2025.

FERREZ, H. D. Documentação museológica: teoria para uma boa prática. *CADERNOS de ensaios: Estudos de Museologia*, Rio de Janeiro: Minc/lphan, n. 2, p. 64-73, 1994.

FERRIERO, D. S. From the Archivist of the United States: Valuing Equity and Diversity, *Archival Outlook*, Chicago, nov./dez. 2021. Disponível em: https://mydigitalpublication.com/publication/?i=728963&article_id=4160556&view=articleBrowser. Acesso em: 23 abr. 2025.

GALLOIS, D. T. (org.). *Patrimônio cultural imaterial e povos indígenas: exemplos no Amapá e norte do Pará*. São Paulo: Iepé, 2006. 92 p. ISBN 8598046027.

GETTY Research Institute. Metadata Standards Crosswalk. In: BACA, M.; HARPING, P.; BENOFF, E. (ed.). *Categories for the Description of Works of Art*. Los Angeles: J. Paul Getty Trust, 2024. Disponível em: <https://www.getty.edu/publications/categories-description-works-art/metadata-standards-crosswalk/>. Acesso em: 16 abr. 2025.

GONZÁLEZ-SANZ, M.; FELIU TORRUELLA, M. Educación patrimonial e identidad: el papel de los museos en la generación de cohesión social y de vínculos de pertenencia a una comunidad. *Clío: History and History Teaching*, Zaragoza, n. 41, 2015. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5303978>. Acesso em: 15 abr. 2025.

GOGINA, I. The World Digital Library: Metadata Crosswalks. INFO 281-11. Seminar in Contemporary Issues - Metadata. Califórnia: San José State University, 2016. ISBN 978-1-4562-2396-0.

HERNÁNDEZ SAMPIERI, R.; FERNÁNDEZ COLLADO, C.; BAPTISTA LUCIO, P. Metodología de la investigación. 6. ed. México, D. F.: McGraw-Hill/Interamericana Editores, S.A., 2014. 660 p.

JONES, M.; TAYLOR, R. Beyond access: (re)designing archival guides for changing landscapes. *Archival Science*, [Berlim], v. 24, p. 143-166, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10502-024-09441-1>.

KAISER, K.; MADRUGA, C. A decision tree for natural history collections: tagging objects from colonial contexts. *Deutsches Zentrum Kulturgutverluste*, 2024. DOI: <https://doi.org/10.25360/01-2024-00005>. Acesso em: 15 abr. 2025.

LAGO, E.; SÁNCHEZ, P. Museos para todos y todas: el Plan de Género e Igualdad en la Rede Museística Provincial de Lugo. *Her&Mus: Heritage & Museography*, Lleida, n. 16, p. 101-112, out./nov. 2015. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5966043>. Acesso em: 15 abr. 2025.

LOUREIRO, José Mauro M. A Documentação e suas diversas abordagens: esboço acerca da unidade museológica. *MAST Colloquia*, v. 10. Rio de Janeiro, 2008.

MASSCHELEIN, A.; TRUYEN, F.; TAES, S.; VAN MULDER, J.; STYNEN, A.; PIREDDU, R. *Bias types and patterns: a typology applied to Europeana use cases*. KU Leuven, 2024. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.14514378>. Acesso em: 15 abr. 2025.

MARRAS, A. M.; MESSINA, M. G.; MUREDDU, D.; ROMOLI, E. A case study of an inclusive museum: the National Archaeological Museum of Cagliari becomes "liquid". In: BOROWIECKI, K. J.; FORBES, N.; FRESA, A. (orgs.). *Cultural heritage in a changing world*. Cham: Springer International Publishing, 2023. p. 99-109.

MCKENNA, G. Spectrum 5.0 to LIDO 1.0 mapping. 2018. Collections Trust. Disponível em: <https://collectionstrust.org.uk/resource/mapping-of-lido-to-spectrum-5-0/>. Acesso em: 16 abr. 2025.

MEDDA, F. Gender and queerness at the Victoria and Albert Museum: a case of museum activism? *Museum International*, Londres, v. 76, n. 1-2, p. 46-57, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1080/13500775.2024.2422744>. Acesso em: 15 abr. 2025.

MILANO, C.; GUIDA, M. F.; MIGONE, P.; TAES, S.; PIREDDU, R. A community engagement methodology: resources, reflections, recommendations. KU Leuven, 2024. Disponível em: https://pro.europeana.eu/files/Europeana_Professional/Projects/debias/a_community_engagement_methodology_resources_reflections_recommendations_v3_july_2024.pdf. Acesso em: 23 abr. 2024.

MOSES, J. Indigenous interventions: museums as sites for rapprochement. *Museums & Social Issues*, Londres, 17 set. 2024. DOI: <https://doi.org/10.1080/15596893.2024.2371161>. Acesso em: 15 abr. 2025.

MODEST, W.; LELIJVELD, R. (eds.). *Words Matter: An Unfinished Guide to Word Choices in the Cultural Sector*. Leiden: National Museum of World Cultures, 2018. Disponível em: <https://www.materialculture.nl/en/publications/words-matter>. Acesso em: 15 abr. 2025.

MONTENEGRO, M. Subvertendo a universalidade dos padrões de metadados: os rótulos TK como uma ferramenta para promover a soberania dos dados indígenas. *Journal of Documentation*, Bingley, v. 75, n. 4, p. 731-749, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1108/JD-08-2018-0124>. Acesso em: 15 abr. 2025.

NASCIMENTO, M. V. O desafio da representatividade negra nos museus. *Museologia & Interdisciplinaridade*, Brasília, v. 10, n. 20, p. 122-128, jul./dez. 2021. DOI: <https://doi.org/10.26512/museologia.v10i20.33996>. Acesso em: 15 abr. 2025.

NATIONAL ARCHIVES (NARA). The Archivist's Task Force on Racism REPORT TO THE ARCHIVIST, 2021. Disponível em: <https://www.archives.gov/files/news/archivists-task-force-on-racism-report.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2025.

OKAWATI, J. A. A.; KARPINSKI, C. Narrativas indígenas: um caminho decolonial para compreender a memória e informação. *Transinformação*, Campinas, v. 36, e2410646, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/2318-0889202436e2410646>. Acesso em: 15 abr. 2025.

OLDENZIEL, A. *Digging beyond the tombstone metadata: a decolonial perspective on how the Rijksmuseum's metadata represents potentially looted art*. 2024. Utrecht University, Utrecht, 2024. Dissertação (Mestrado em Memória Social) - New Media & Digital Culture study program. Disponível em: <https://studenttheses.uu.nl/handle/20.500.12932/46403>. Acesso em: 15 abr. 2025.

PADILHA, R. C. *Documentação museológica e gestão de acervo*. Florianópolis: FCC, 2014. 71 p. (Coleção Estudos Museológicos; v. 2.).

PEREIRA, P. O. *Novos olhares sobre a coleção de objetos sagrados afro-brasileiros sob a guarda do Museu da Polícia: da repressão à repatriação*. 115 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

PRADO, M. *Quais artistas visuais nos museus?: o avanço das artistas mulheres no acervo do MASP*. São Paulo: Editora Dialética, 2023.

REAL LÓPEZ, I. Al rescate de los grupos minoritarios: género, migración y racismo en el ámbito patrimonial y museístico. *Her&Mus: Heritage & Museography*, Lleida, n. 23, p. 4-7, 2022. Disponível em: <https://repositori.udl.cat/handle/10459.1/466582>. Acesso em: 2 abr. 2025.

RENSHAW, C.; LIEW, C. L. Descriptive standards and collection management software for documentary heritage management: attitudes and experiences of information professionals. *Global Knowledge, Memory and Communication*, Bingley, v. 70, n. 8-9, p. 697-713, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1108/GKMC-08-2020-0129>. Acesso em: 15 abr. 2025.

RODRIGUES, R. S.; NEUBERT, P. S. *Introdução à pesquisa bibliográfica*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2023. ISBN 978-65-5805-082-7. DOI: <https://doi.org/10.5007/978-65-5805-082-7>. Acesso em: 15 abr. 2025.

ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R. T. As pesquisas denominadas do tipo Estado da Arte em educação. *Revista Diálogo Educacional*, Londrina, v. 6, n. 19, p. 37-50, 2006. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=189116275004>. Acesso em: 19 março 2025.

SÁNCHEZ, A. C; PAZOS-LÓPEZ, A. Today's museum, tomorrow's cultural heritage: challenges and leading actions in digital humanities, networks, and accessibility. In: CUESTA SÁNCHEZ, Ana M.; PAZOS-LÓPEZ, Ángel (orgs.). *Digital humanities for the XXI century museum: best*

practices, networks, and accessibility. Paris: Éditions Boleine, 2024. p. 11-21. ISBN 978-2-490081-62-2.

SIFUENTES, L. Perspectivas interseccionais de gênero, classe e raça: um mapeamento de estudos de Comunicação. *Mídia e Cotidiano*, Niterói, v. 16, n. 3, p. 8-27, set./dez. 2022. DOI: <https://doi.org/10.22409/rmc.v16i3.54630>. Acesso em: 15 abr. 2025.

SILVA, S. C.; MACENA, I. C.; JORENTE, M. J. V. Museus, gênero e Wikipédia: perspectivas pós-custodiais da Ciência da Informação. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 31, e-141531, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/1808-5245.31.141531>. Acesso em: 15 abr. 2025.

SCHOONDERWOERD, S. Foreword. In: WERELDMUSEUM et al. *Words matter: an unfinished guide to word choices in the cultural sector*. Amsterdam: Wereldmuseum, 2022.

THOMSON, L. J.; ELSDEN, E.; CHATTERJEE, H. J. Volunteering for wellbeing: improving access and social inclusion by increasing the diversity of museum volunteer training for public-facing roles. *Museum & Society*, Leicester, v. 21, n. 1, p. 12-30, mar. 2023. DOI: <https://doi.org/10.29311/mas.v21i1.3786>. Acesso em: 15 abr. 2025.

THORPE, N.; HAKONGAK, N.; EYEGETOK, S; ELDERS, Q. Tuktuk and Nogak Project: a caribou chronicle. Canada: Indian and Northern Affairs Canada, 2001.

VERSIANI, M. H. Preconceito e ignorância na nomeação de acervos museológicos. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - ANPUH, 32., 2023, São Luís. São Luís: ANPUH, 2023.

WALTER M., PREHN J. Indigenous issues, rights, and sovereignty. In: Germov J, Poole M (eds.) *Public sociology: an introduction to Australian society*. 5. ed. Abingdon: Routledge, 2023, p. 304-321.

WILLIAMS, R. *Keywords: a vocabulary of culture and society*. New York: Oxford University Press, 1985. 422 p. ISBN 0-19-520469-7.

WOMEN Writers Project. Women Writers Project. Northeastern University, 2025. Disponível em: <https://cssh.northeastern.edu/nulab/wwp/>. Acesso em: 23 abr. 2025.